
NO
LONGE
DO
JARDIM

1? edição
Do 1° ao 20? milheiro
© Copyright by
Centro Espirita "Caminho da Redenção" Rua Barão de Cotegipe n? 124 40000 - Salvador - Bahia - Brasil
impresso no Brasil Presita en Braziio
Todo o produto desta obra é destinado à manutenção dos serviços assistenciais da "Mansão do Caminho " iDepartamento do Centro Espírita "Caminho da Redenção") - Rua Jayme Vieira Lima n? 1 -Pau da Lima, 40000 -Salvador - Bahia - Brasil.

NO LONGE DO JARDIM
ENCONTRO NA ESTRADA
O PASTOR CANTA
NO MILAGRE DA VIDA
ESTRELA POLAR
A INCURSÃO
TRÊS SENTIMENTOS
NOVOS DIAS
DESEJO DE FELICIDADE
RESTAURAÇÃO
TRANSFORMAÇÃO
SOLUÇÃO
RENOVAÇÃO
ESTRADA SOLITÁRIA
VOLTA, NÃO TEMAS
QUANDO
ENQUANTO HA PAZ
TORRENTE DE MERCÊS
MOLDURA DE MÃE
EMERGÊNCIAS
ADMOESTAÇÃO DE AMOR

NO LONGE DO JARDIM

A vida, na Terra, é uma viagem de bênçãos, na qual, o trabalho faz-se semente de luz colocada nos sulcos das experiências individuais, a fim de que germine, transformando-se em estrela de amor que fulgure por todo o sempre.

Há, no entanto, na atualidade, muitos tratos de solo a cultivar, representados pela diversidade das criaturas humanas:

glebas áridas, em forma de sentimentos estiolados;

altiplanos de acesso difícil, expressando paixões perturbadoras;

vales vencidos pela erosão, traduzindo esperanças diluídas pelo sofrimento;

pântanos ameaçadores, representando malogro de ambições que se envenenaram;

Paisagens de sombra, matas impenetráveis, campos perdidos, refletindo estados íntimos de revolta, medo e indiferença...

No longe do jardim, porém, há paz e beleza, alegria e amor, saúde e felicidade para quem se disponha a vencer os desafios da terra que tem pela frente para trabalhar e produzir, com os olhos postos no futuro promissor.

Somos todos jardineiros da vida, aumentando recursos e valorizando oportunidades.

Eros, nossa dedicada amiga espiritual, com os delicados instrumentos da palavra arrancada da sua sensibilidade nobre, escreve-nos sobre o chão de espinhos, o roteiro de pedregulhos e a estrada de abrolhos, apontando-nos os abençoados rumos de amor no longe do jardim...

Leiamos as sugestões da querida jardineira e transformemos o solo *do nosso coração em campo propício, no qual a palavra de vida eterna produza toda uma seara de luz e paz, além, muito além, no longe e aprazível jardim da Espiritualidade.*

Joanna de Ángelis Salvador, 15 de agosto de 1981

ENCONTRO NA ESTRADA

Assis engalanada, esplende ao sol dourado; Cidade feliz e solo inconquistado Desafiando os tempos...

Eram dias de eterna primavera As umbelas dos zimbros enflorescidas. Dominando as sebes coloridas Num chão de papoulas rubras e amarelas Sobre gramas verdes daras e escuras, belas.

A canção de esperança Toma conta da Úmbria Nas montanhas altaneiras.
Pela cidade medieva.
Alcançando a "Senhora dos Anjos"
Na planície esparramada
Sobre glórias e honras debruçada...
AH, Francisco, o "poverello"
Fez-se cantor triunfante e beto!...
A pauta musicai é a natureza Os instrumentos são a beleza Que estua no coração.
Em tons e salmodias.
Cada noite, todos dias.
Sem cansaço,
Nem dor.
Sem aflição.
— "Louvado sejas. Senhor, pelo irmão Sol,
Pela prateada irmã Lua... "
Ouvindo o regato E as aves que cantam.
Entoa, mais alto:
— "Pela irmã água tranqüila E pelos pássaros gorjeantes,
E por todas as flores
De mil cores Estonteantes... "
A delicada sinfonia
Embala os homens, todas as criaturas do Senhor, Em incomparável melodia.
A larga estrada serpenteia...
O cantor palmilha-a, sobre a areia, Musicando as horas.
Num encontro de caminhos,
Alguém interfere,
Com um pedido, uma litania De amargura e dor,
Com sofrimento, em agonia:
— "Irmão Francisco, ajude-me!"

O pobrezinho *estanca o passo*
E fita o estranho que pede socorro.
— "Tenho fome e morro
De solidão. " — Suplica em débil voz.
— "Nada tenho, irmão, para dar. " — Responde o "irmão-a/egria " —
Senão a noite estrelada e a claridade do dia, Que tu também tens, por doação do Pai... " Mas um temor súbito lhe Invade a alma,
Francisco treme e perde a calma O estranho é um leproso,
O rosto oculto A voz soturna e rouca Apavora...
Pensa em fugir.
Dali sair
Porque o medo o desarvora,
Quer evitar a doença...
Mas se enternece.
Os lábios movem-se em prece Ele se acerca, gentil,
Do enfermo e toma-lhe as mãos feridas,
São pústulas abertas, enegrecidas...
Ao sol do dia claro Francisco se dobra E beija as chagas em pus.
Todo ele é ternura.
Exulta em candura e amor Mas nota que as mãos doridas Transformam-se em flor De a/vinitente luz...
Francisco ergue os olhos e.
Cheio de encanto.
Ajoelha-se sob incontido pranto.
O estranho fala,
Sua doce voz embala:
— "Sim, Francisco, eu sou Jesus!"

O PASTOR CANTA

A voz, doce e quente, do Pastor, conclamava:
"Vinde os cansados sob fardos, exauridos pelos desenganos, sofridos nas circunstâncias existenciais, desanimados em razão da perda da esperança!
"Ateai o fogo da alegria no feno da tristeza, no combustível em reserva, que restou das aspirações nobres, nas reminiscências das ofensas, nas cercas das dificuldades!
"Erguei barreiras ao vício, impedimentos ao erro, dificuldades ao mal, utilizando a virtude do amor, o exercício da dignidade, a insistência no bem.
"A tempestade que ameaça e arrasa, também modifica a paisagem, rarefaz a atmosfera, reverdece a terra...
"E passados os momentos rudes, a brisa mansa os-cula as ramagens quebradas, o solo encharcado, a terra ferida em sulcos profundos, anunciando as flores que virão, a gramínea que se recomporá, o pomar que se reple-tará de frutos.
"Ouvi, diz Ele, os cardos também se abrem em flor, os cadáveres fertilizam o chão, o charco se transforma em regato, sob as dadivosas mercês do Pai.
"Estrelai, com a esperança da fé, as vossas noites de solidão e cantai o amor aos ouvidos desamados.
"A vossa música, se nascer do coração permanecerá para sempre na acústica das

almas que vos escutarem.

"O cansaço, o desengano, a exaustão e o abatimento cederão lugar às manifestações da felicidade em forma de saúde, alegria e paz. "

Assim falou o Pastor.

Desde então os fracos tornam-se fortes, os tristes fa-zem-se alegres, os pobres adquirem fortunas, os enfermos restauram a saúde...

Uma canção, suave e morna, aquece o mundo, os homens, os animais e a vida não silenciando jamais.

NO MILAGRE DA VIDA

Transposto o limite do tempo e vencida a dimensão da distância, mudam-se os conceitos sob a ação dinâmica da vontade.

Quem adquire o hábito de librar-se nas asas velozes do pensamento, alcança'os longes espaços'e trá-los para perto das emoções.

Quando se iogra a empresa de compreender, decorrência natural do exercício mental de crer, o futuro chega agora, delineado e pronto pelas ações realizadas.

Não há, então, remotos lugares, não se medindo distâncias com os instrumentos habituais, mas com as vibrações do sentimento.

Não existem ontens nem amanhãs, mergulhando-se em uma realidade que começou hoje, um longo hoje de momentos que foram e ficaram, que virão e já se encontram.

Se são examinados os anseios projetados para longe, descobre-se que está perto o começo do fim, da mesma forma que o esperado já chegou, desde o momento em que se pensou na sua realidade.

Do mesmo modo, o que aconteceu prossegue sucedendo, enquanto é trazido à atualidade da imaginação.

O que se pretende, já se possui.

O que se desconhece, passa a saber-se, a partir do instante em que a ignorância se apresenta e começa a desaparecer.

Quanto se dá, pertence ao doador, e tudo que se recebe deixa de ser posse, para converter-se em dívida.

No longe-perto do amanhã-hoje, o pensamento cósmico do amor vê a eterna presença da vida, que se organiza em forma e se dilui em energia, sempre indestrutível e real.

Nenhum lugar está longe nem perto e coisa alguma se encontra distante ou próxima, no tempo, se o homem deseja e busca.

Longe-perto quando se sabe e próximo-remoto quando o ser se aturde e se debate na ignorância.

Agora e aqui, tudo que se deve e se pode realizar no milagre da Vida.

Vive, portanto!

ESTRELA POLAR

Senhor, onde estavas?

Confiei na tua promessa de socorrer-me, porque disseste que nunca me deixarias a sós, todavia...

Provei a soledade na longa marcha;

tombei inúmeras vezes, sob a exaustão que me dominava;

chorei insuportável pranto, sempre que o desespero se alojou em mim;
perdi o rumo na grande noite sem qualquer estreia de esperança;
desisti de prosseguir com freqüência, embora indo adiante;
experimentei receios superlativos que me enlouqueceram em diversas ocasiões;
a carência de amor fez-me dorido e* *triste;*
a perseguição ingrata dos que se voltaram contra mim, estiolou-me os sentimentos, assinaiando-me com a amargura...
Chego, por fim, cansado e sofrido...
Pergunto-te:
— Por que me abandonaste. Senhor?
— Jamais te deixei, filho querido.
Eusoua força que te conduziu até aqui, auxiiiando-te a venceras dificuldades que te fortaleceram o ânimo e vi-vificaram-te o ser em todo o áspero trajeto.
Não lutei as tuas batalhas, que eram tuas, porém, sustentei-te quando desfaleceste; apontando-te rumos, quando nas sombras da noite; falando-te sem palavras na solidão; impulsionando-te, quando na queda, a levantar-te e a continuar...
Meu fi/ho, chegaste até mim, porque eu estou em ti através dessa força que te impele na direção do Pai.
Não me vês, mas sentes-me; não me ouves, no entanto, percebes-me; não dialogas comigo, não obstante, sou quem te guiou até aqui — estreia polar no céu das aimas, que indica sempre o norte ditoso da perene felicidade.

A INCURSÃO

O discípulo acercou-se do Mestre, deslumbrado com a perspectiva do Reino.
imaturo e curioso, imaginava-se, de imediato, atingir a plenitude do gozo espiritual.
Dizia detestar o mundo, porque se frustrara no jogo dos interesses comezinhos e das paixões extenuantes.
Como não podia pensar nos bens do espírito sem as conexões apressadas da vida material, buscou o Senhor e indagou-Lhe a respeito do lugar em que se encontrava o grande tesouro e onde começavam as fronteiras do soberano país de lá...
— O meu reino — respondeu o Rabi — está dentro de cada um que o queira, sem qualquer aparência exterior, despido de atavios e artifícios. Tem a infinita dimensão do espírito. Quem se conquista, alcança-o.
"Sua bússola aponta o amor, que é o norte magnético da vida', e os demais pontos cardeais são a superação de ti mesmo, a caridade e a perseverança no tenta me sublime.
"No mundo, toda viagem é excursão; para o meu reino, a busca faz-se por intermédio de uma incursão profunda.
"A âncora de segurança deste veleiro que imerge no mar das aspirações é a consciência tranqüila, e o barco de condução é a fé.
"Quem desejar, portanto, alcançar o meu país, o reino dos céus, *tome a sua cruz, renuncie-se a si mesmo, venha após mim e siga-me. "*
O discípulo ouviu, entristeceu-se e ficou a pensar, sem coragem de incursionar.

TRÊS SENTIMENTOS

A terra adusta a perder de vista e a ação de três homens joeirando o chão.

Ao primeiro, indaguei:

— Que fazes?

— Eu? — respondeu-me, amargo — atormento-me no trabalho deste solo infeliz, donde nada, certamente, retirarei.

Ao segundo, inquiri:

— Que realizas?

— Eu? — interroga-me, respondendo — trabalho e vou seguindo, porque o destino do homem é trabalhar.

Ao terceiro, perguntei:

— Que fazes aqui?

Ele parou, retirou da face o porejante suor, e, com voz cansada, mas alegre, fitando a amplidão, esclareceu:

— Eu preparo, primeiro, uma seara onde medre o trigo para o pão; depois, uma sementeira para alimentar a Terra toda, e, por fim, um pomar, em cuja sombra de árvores frutíferas espoquem flores e sorriam *perfumes balsa-mizando a natureza, por enquando árida e triste...*

... E volveu, sorrindo, à ação.

#

A revolta obnubila a razão e infelicita qualquer atividade.

O pessimismo obscurece toda paisagem de luz, mesmo a do futuro ridente.

A confiança enriquece de júbilos e borda de beleza o deserto, que se transforma em bênção de fartura, ou a dor que lapida para a felicidade da vida.

NOVOS DIAS

"Doravante, disse Jesus, fica proibido amar com ansiedade de ser amado e servir com a disposição de receber pagamento.

"Os roseirais se debruçarão
sobre as janelas das casas
sorrindo pétalas exuberantes
em participação da felicidade doméstica.
E os girassóis
darão as costas às ruas
e campos onde florescem,
esgueirando-se pelas frestas
dos lares em festas,
porque haverá tanta claridade
no reduto doméstico
que a estrela Solar
será confundida
com as constelações luminíferas, que explodirão, irisadas, no ninho familiar.

"Ficará proibido, também, que o bolo da amizade, servido às pessoas, receba o fermento da suspeita.

"A partir de então, já não será necessário que se faie de justiça
com as palavras frias dos Códigos humanos.

Cada urn usufruirá do discernimento com o quai respeitará todos os direitos alheios entregando-se aos deveres que lhe cumpre realizar.

"Não mais haverá sofrimento.
E quem sofrer
não se envergonhará disso,
porque entenderá
que toda dor recupera
e somente padece quem é devedor.
"A piedade fraternal
será transformada em fior de solidariedade
que converge em dever
sem a necessidade dos estímulos fortes.
"Vicejará a liberdade sem punição.
O revei fruirá da bênção de ser livre E lutará, ele próprio. pela reabilitação.
Os animais e as aves não permanecerão em jau ias ou gaiolas.
O homem estará subordinado às leis do amor, respeitando o seu irmão e todos os irmãos menores do bosque, do deserto e das planuras.
E dar-se-á ao bem doravante...
"Os órfãos, os anciãos, os fracos, os enfermos
constituirão oportunidade para os aquinhoados com pais, os amparados pelos filhos, os sustentados pela fortaleza, os resguardados pela saúde, o que impedirá a miséria, a vergonha, o abandono,
o sofrimento desnecessário.
"O lobo e o cordeiro pastarão juntos", quanto a borboleta e a abelha na mesma flor ou o regato e a fonte misturando as águas, sem guerra nem extermínio.
"Os homens se fitarão nos olhos como as estrelas
que se espiam no velário da noite transparente, e o ar
balouçando a haste delicada da flor.
"Os sorrisos dos pobres cantarão na melodia da bondade dos ricos,
quais palmeiras farfalhantes nos braços da brisa.
"Ninguém a sós...
A solidão descerá ao auxílio alheio
e a atividade festiva
correrá na direção da soledade.
"Ninguém mais chorará os seus mortos, nem lamentará os seus vivos, nem se amargurará com as tristezas... Irromperá uma orquestração de vozes no silêncio da saudade dos que ficaram, encorajando os debilitados.
Essas melodias levantarão os enfraquecidos e todos cantarão...
"Doravante,
ninguém engane ninguém,
pois que se estará enganando a si mesmo.
nem minta,
nem ultraje,
nem persiga mais.
Todos se dêem as mãos e confraternizem com as rosas, com os girassóis, com as tardes coloridas, com os dias de cinza, com as noites estreladas, com as aves e os animais, e os regatos, e as árvores,
compondo um quadro de amor perene, que se faça
um perene feriado para o mal.

"Doravante, disse o Senhor, e assim se fará
nesses vindouros novos dias. "

DESEJO DE FELICIDADE

No alto do monte, na clareira das árvores, o Iluminado *ouvia a narrativa das dores e as lenia com o bálsamo da sua palavra sábia.*

— Que fazer. Mestre, para conseguir-se a felicidade perfeita? — interrogou uma jovem estuante de vida.

Pausadamente, o Inspirado *respondeu:*

— O rio tumultuado não receia o tempo que lhe é necessário para preparar o leito por onde deslizará em tranquilidade.

"A árvore vetusta, que desafia a tempestade, desga-Iha-se. Para superara fúria da Natureza, recurva-se, a fim de retomar, depois, a posição primitiva.

"A noite, para abençoara vida, recama-se de astros.

"A felicidade perfeita é uma viagem que o crente realiza interiormente — pela meditação — adquirindo força e valor para sair auxiliando, pela ação.

"A felicidade perfeita resulta em lograr o êxito de não ter qualquer desejo. "

A jovem, que desejava as coisas-nenhumas que tingem a ilusão de felicidade enganosa ouviu, meditou e desceu o monte para arder na chama dos desejos que impedem a felicidade perfeita que parecia buscar.

RESTAURAÇÃO

Em plena tempestade, o homem buscou agasalho e proteção sòb árvore vetusta que a ventania desgalhava e sacudia, implacável...

Enquanto ziguezagueavam os relâmpagos, em balé mágico sob o estrugir do trovão, o homem, atemorizado, explodiu, em imprecações:

— Forças desgovernadas e cruéis, titãs do pavor em desvario, eu amaldiçoo o temporal e a fúria!

"A tudo destroça, na sua passagem voluptuosa, deixando lama, destruição, infortúnio..."

Havia nele, também, o fragor da revolta que o estio-lava por dentro.

A árvore veneran da que lhe ouviu a diatribe, desejando auxiliá-lo, esclareceu:

— A tormenta devasta e passa; os ventos destroçam e se vão adiante; a chuva enxarca e cessa; os raios despedaçam e param; os trovões estrondam e se calam...

"Alguém, no entanto, com carinhosa dedicação substitui os danos, oferecendo vida nova; recompõe a paisagem com o calor do Sol, que enxuga o lamaçal; faz reverdecer os galhos partidos, que renascem revigorados; e, em breve, tudo são beleza, utilidade eharmonia..."

O homem ouviu, meditou e passou a considerar que a tempestade maléfica, realmente, não é aquela que es-truge por fora, em alarmante, desarvorada passagem, mas a que espoca por dentro, no coração, dificultando a restauração do bem que pode realizar.

TRANSFORMAÇÃO

O homem triste caminhava com lentidão, abatido, pela senda, embora a festa do Dia em som e cores deslumbrantes.

Atraído por leve falena colorida, explodiu, em consideração queixosa:

— Tão insignificante quão frágil, todavia, tão beiai... Due fizeste para librar ditosa nas correntes aéreas?

A borboleta, atraída pelo apelo, respondeu, sem rebuços:

— Transformei-me de lagarta rastejante em fior que vibra, flutuando na atmosfera.

"Suportei a limitação como verme, a dificuldade que me fazia asqueirosa e perseguida, aguardando, confiante, o sono que vi ria e do quai Aiguém me despertaria para a vida.

"Agora, superadas as aflições, sou feüz. "

Diante disso, a aima sofredora compreendeu que a felicidade de piainar acima do iodo e do pó somente é possível depois do milagre da hibernação.

Sorriu e continuou, recordando-se de que, apesar da agonia que a tomava, acima de tudo. Deus vela. Da noite arranca o dia e da morte traz ressurreição luminosa, transformando a vida.

SOLUÇÃO

O aprendiz inquiriu, ansioso, ao Mestre:

— Senhor, entrego-me à oração, no entanto, as tentações não me deixam. Que fazer?

— Trabalhar e prosseguir

— Desejo, no entanto, mergulhar no oceano da paz, e, para isto, oro. Todavia, as perturbações não me abandonam. Como agir?

— Trabalhando e confiando.

— Anelo por e/evar-me do mundo insano, refugiando-me na oração. Mesmo assim, os desequilíbrios íntimos me impelem para a aflição. Como continuar?

— No trabalho e no serviço. A oração é experiência psíquica que levanta o homem na direção de Deus. O trabalho, porém, é a oração da ação que traz Deus para o homem que sofre. Assim agindo, passarás a conviver com Ele, liberando-te, por fim, de toda e qualquer tentação.

O aprendiz entendeu, então, que agir no bem é orar mediante o trabalho que redime e dignifica o ser.

RENOVAÇÃO

O homem cansado buscou a fonte generosa e refez-se com a linfa cristalina, abençoada.

Contemplando-a, tranqiiila, não sopitou as emoções, queixando-se:

— És ditosa! Enquanto eu padeço incompreensões e cansaço, tormentos e empeços pelo caminho, solidão e aturdimento, quase sempre andando sob chuva de maldições, tu ai estás, transparente e nobre, abençoando os que de ti se acercam, sedentos...

"Por que não sou como tu, eu que desejo serviço e paz?"

Levemente eriçada por vento brando, a linfa respondeu:

— Muitos me buscam e os atendo sem distinção.

"A todos sirvo sem cansaço, e, embora, não poucos me apedrejem, atirem-me calhaus e detritos, relegando-me ao abandono ou me exaurindo até a última gota, não me aflijo, porque Alguém, em silenciosa bondade, me renova e restaura, anônimo e perseverante.

"Não revido o mal, por ser gerada pelo bem, não havendo motivo para auto-apiedar-me ou desanimar..."

O homem compreendeu e saiu a servir, confiando na renovação e na ajuda que vem de Deus.

ESTRADA SOLITÁRIA

Porque não te testemunhem gratidão.

Os que se fazem beneficiários dos teus sacrifícios; Porque não te retribuam com carinhos Ao teu devotamento pelo bem;

Porque experimentes soledade na marcha,

Não te deixes sucumbir nos empreendimentos abraçados...

Ninguém saberá identificar-te a grandeza Quando transite pela via asfaltada Que as tuas mãos trabalharam.

Ou avance pela rota que clareaste.

Vencendo as sombras.

Dificilmente, quando se contempla um jardim que esplende beleza.

Alguém procure saber das mãos que sulcaram o solo. Transformando a gleba rude Em poema de cor e de perfume.

Poucos se darão conta, no edifício luxuoso,

Do operário que fixou os alicerces nas pedras fortes Para que a segurança proporcionasse paz...

Todavia, o obreiro da ação opérante sabe,

Tem consciência do que fez e do que faz Sem importar-se com nada mais.

Sementeira é dever Que todos assumem

Com espontânea vontade cada dia, a toda hora. Pelo caminho do tempo.

Colheita é resultado que aguarda, que se enflora.

Mesmo os construtores da Humanidade,

Gênios, santos, cientistas.

Artistas de nomeada

Não obstante requestados, sofrendo invejas, em contínuas solicitações Viveram e vivem a sós.

A gratidão, no mundo.

Normalmente ruidosa É de curta duração.

Estrada afora trabalhador do bem Não te desalentes.

Bem-aventurado desconhecido! Operário do amor! Não cesses de produzir Semeia e sèmeia alegrias.

Acende esperança na noite do desânimo.

Distribui pão na escassez.

Doa paz nos conflitos.

Esparze coragem onde medre o medo.

Faze o bem pelo prazer de o fazer.

Certamente, na tua estrada solitária.

Sob a ardência dos sofrimentos.

Diante das perturbações e anseios.

Cravado de angústias,

Mas perseverando.

Sob o açodar de todos os padecimentos teus,
Não te detenhas no mal nem te abatas.
Estarás apoiado, seguindo no rumo certo, sob o carinhoso amparo de Deus.

VOLTA, NÃO TEMAS

Volta ao solo o córrego que se elevou em nuvem como chuva gentil.
Volta ao grão o gérmen da vida que foge da semente envolto na polpa de novo fruto abençoado.
Volta à flor o pólen em carícia de vento, fecundando além para renascer depois.
Volta à terra o adubo vitalizador na planta vitalizada quando se fana.
Volta ao coração o bem onde se semeia a esperança a colorir a paisagem.
Tudo volta!
A Vida vai e volta numa balada de nascer, renascer e progredir, como a expressar que ir, é voltará vida, e, chegar, é voltar ao berço para viver.
Volta a sorrir!
O sol oscula o botão da flor e ela sorri.
A chuva beija a terra e, reverdecendo, esta sorri.
O fogo funde os metais e, depurando-os, expressam formas para sorrir...
Vai a dor, volta a esperança.
Foge a tristeza, volta a alegria.
Volta e ama, embora dilacerado.
A mão que ajuda sob o comando de uma mente que perdoa e um coração que ama, é enxada feliz trabalhando a terra ingrata a fim de que ela se abra em beleza e utilidade.
Volta, portanto, a amar e a sorrir!

QUANDO

— Senhor! — rogou o discípulo, emocionado — quando identificarei a plenitude da paz e da felicidade, jornadeando neste mundo torvo, atribulado, de enfermidades e violências?
O compassivo Mestre penetrando-o com a magia do seu encantamento, respondeu:
— Quando puderes ver com a suavidade do meu olhar as mais graves ocorrências, sem precipitares julgamentos, remontando às causas; quando lograres ouvir com a paciência da minha compreensão generosa; quando puderes falar-auxiliando, sem acusação nem descul-pismo; quando agires com misericórdia, mesmo sob as mais árduas penas e prosseguires intimorato na senda do bem entre abrolhos pontiagudos, confiando nos objetivos superiores, já não serás tu, mas sim eu quem vive em ti, e, identificado comigo, fruirás de felicidade e paz.
O aprendiz ouviu, meditou, e, levantando-se, partiu pela estrada do serviço ao próximo, intentando conjugar o verbo amar, sem cansaço, sem ansiedade, sem receio.

ENQUANTO HA PAZ

Enriquece-te de amor.
Sai a semear a luz da esperança,
Onde se adensa A sombra
Ese demora o desespero...
Abre valas na terra áspera dos corações E sulca o leito dos córregos Para que

estes espraiem a vida Rica de flores, e colorida.

Em luxuriante verdor das margens...

Acompanha com os olhos irisados de luz As verdes e belas campinas Salpicadas de cores.

Abençoados por miosótis azuis, Respingadas por amores-perfeitos.

Sem defeitos.

Adornadas de boninas...

Esquece as dores,

Deixa de lado a amargura.

Volve à candura.

Refreia a revolta Enquanto há paz...

A guerra está de férias;

Os instrumentos de destruição Permanecem nos museus, no chão.

Longe dos destroços que produzem.

Segue, então, o pássaro ligeiro.

Prossegue alvissareiro.

Dominado pelo amor.

Atende ao cordeiro que pasta ao lado do chacal E à rebelião que, morrendo, ao bem distende a mão...

Não te afadigues pensando no mal.

Conserva o encanto Do serviço — o teu fanai —

Junto ao teu irmão.

Está decretado Que o bem é vida E a caridade bem vivida Éalma da fé...

Enquanto há paz.

Dilata a ação da bondade Não relaciones desfavores,

Nem engodo,

Nem malogro,

Nem doto,

Nem desamores...

Abre-te em festa

E canta a ligeira lição do serviço

Que renova a erma paisagem

Do continente das almas ressequidas.

Renovando as vidas

Cansadas de esperar...

Enquanto há paz.

Sustenta a confiança.

Promove a abastança.

Transforma pântano em jardim.

Impõe à enfermidade seu fim Como tragédia...

Acende estrelas na noite sombria,

Diminui a angústia em cada alma Todo dia,

£, *desdobrando bênçãos e calma.*

Evitarás futuras guerras.

Enquanto há paz.

Um dia, o amor Vestiu-se de homem.

Dignificou singelas sementes.

Honrou as redes do mar,
Cantou o valor de uma dracma,
Entreteceu considerações felizes Nos rubros entardeceres E pálidos amanheceres,
E dando-se.
Pereceu numa Cruz
Que se faria sublime ponte de luz...
No entanto, para que permanecesse a paz Volveu aos homens,
Numa linda madrugada A fim de que jamais Desaparecesse do humano coração A suave e doce presença da paz.
Em paz
Esquece a destroçada guerra No repouso permanente do museu. Abominada, olvidada,
Para que, abandonada e vencida Não volva nunca mais.

TORRENTE DE MERCÊS

Na densa treva um fio de prata se ergue do vale e cin-ti/a como uma estrela na escumilha da noite, ao longe, ao alto...
Franjas de argêntea claridade tremeluzem e caem numa explosão de gotas luminescentes que pirilampeiam em a Natureza, a vestir-se de diamantes fosforescentes...
Alguém ora, levantando-se da Terra em súplica aos Céus complacentes.
As Augustas Fontes do amor respondem ao vagido da prece com uma sinfonia de bênçãos.
A criatura grita em ansiosa agonia ao seu Pai Criador, sufocando o desespero no veludo macio e forte da oração, enquanto o Excelso Genitor responde à alma, inspirando-a e afagando-a com intangíveis mãos que a penetram de sublime luz, a fim de que se apaguem as sombras aflitivas.
Festa no coração! O homem ora. Deus o abençoa.

MOLDURA DE MÃE

Quando eu cheguei, você partiu, deixando-me inde-fensa em mãos estranhas.
Transitei de casa em casa e, somente na rua, sob o amparo do firmamento, encontrei o teto que ainda me acolhe.
Dizem que sou menor carente, porque não tendo mãe falta-me tudo.
Há outros menores assim também chamados, que possuem pais e vivem sob carências atormentantes.
Eu sei que se você estivesse aqui, certamente me te-ria amparado, conduzindo-me com segurança.
A vida sem a presença de uma querida mãe é iguala uma viagem por largo trato de terra desértica sem a proteção de uma sombra nem o apoio de uma fonte refrescante.
Contam-me que há mães desalmadas, que abandonam os filhos sem qualquer compaixão.
Quando tal acontece, porém, elas devem estar loucas, vitimadas pela ignorância ou por fatores outros, decorrentes da miséria social, econômica ou moral.
...E constituem exceção.
Embora eu não a tenha conhecido, mamãe, emolduro-a com a ternura e o amor, confiante em que você é um anjo, no país do céu, velando por mim ao lado de outras mães,

que se transformam em claridade estelar, a fim de que os orfãozinhos, que sofrem na escuridão, encontrem o brilho da esperança para seguir adiante, liberando-se da amargura e da desesperação...

Enquanto haja mulheres que se santifiquem no ministério da maternidade, o futuro feliz da criatura humana permanecerá abençoado por Deus...

EMERGÊNCIAS

Alma em prece.
Mãos no trabalho.
Atividade contínua.
Emergências de amor.
Sorriso de esperança.
Gentileza perseverante.
Palavra sempre generosa.
Emergências de caridade.
Luz nas trevas Dreno em feridas.
Fertilidade no deserto.
Emergências da sabedoria.

Viver em clima de emergência, usando o algodão do silêncio nos lábios da acusação; o bálsamo da saúde na gênese das doenças; o pão distendido à carência alimentar; a oração intercessória espraiada em todas as direções.

A emergência do amor fomenta a caridade que é a sabedoria da vida, em nome da vigilância paternal de Deus, cuidando de toda a criação.

ADMOESTAÇÃO DE AMOR

Terminara Francisco a oração Na gruta humilde a que se recolhera Febril, corpo e alma cansados.

Antevendo a partida para o Além,
Compromissos terminados,
Superada a solidão,
Na companhia do bem.
A Natureza estava em festa,
O ar bailava na floresta Perfumado por lavanda.
Espocavam boninas,
E as papoulas pequeninas

Tingiam o tapete verdejante com tons multicolores Qual se estivessem de amores A terra fértil e O dia em luz...

Frei Leão, sentindo o santo exaurido.
Propôs-lhe, comovido,
Uma grave indagação:
— Tenho um amigo, meu Pai,
Que vive amorosamente.
É gentil com toda a gente,
Com a terra, o céu, o sol, a água.
Chama irmãos aos animais,
No entanto, possui belo animalzinho,

Que, sem reclamação.
Atende-o de mansinho E ao qual nega proteção...
O santo fez-se interessado.
Aguçou a audição,
Com ternura, mas fatigado.
— Nunca lhe pediu nada —
Prosseguiu o discípulo fiel —
O doce jumentinho.
Sofre frio, sem protestar;
Abre-se em feridas, o pobrezinho.
Sem cansar-se na caminhada.
— "Vem aqui, meu animal.
Vamos até acolá. "
Impõe-lhe, -sem compaixão.
E o pobre serviçal
Segue em frente.
Alegremente.
Agora, porém, já não mais suporta Nem a carga pesada, nem a canga.
Está prestes a cair.
Sem forças, sem repouso,
Não se atrevendo ajuda ou piedade pedir.
— Dize-me quem é o insensato — Redargüiu o santo da pobreza —
Quem assim age com tanta vileza,
Com indiferença e sem compaixão Com esse amigo suave.
Bondoso, que não faz reclamação.
Frei Leão, respondeu, sereno:
— Esse animal gentil e pequeno,
É o vosso corpo, meu Pai.
Que resignado vos serve e conduz Os passos firmes no rumo da Eterna Luz...
Passando a mão na frágil vestimenta Entre lágrimas de arrependimento,
São Francisco acariciou o corpo,
Com voz de quem lamenta.
Começou a falar-lhe:
— Perdoa-me jumentinho,
A minha falta de carinho.
Nessa luta sem quartel...
Fui muito ingrato contigo,
Embora fosse teu amigo...
Ajudar-te-ei, agora,
Não mais serei revel,
Ser-te-ei mais reconhecido E peço-te perdão...
A claridade ia murchando No beijo da noite plena.
Enquanto Francisco, de alma serena.
Ao corpo enfermo ajuda prometia,
Mas não a pôde dedicar Plenamente,
Porque, no outro dia.
Doce e suavemente O jumentinho morria...

Os irmãos do Irmão humilde Numa homenagem diferente Cobriam de flores o corpo animal Que terminara o seu fanal Enquanto o santo em luz Era recebido por Jesus!...